

O duplo e a alteridade em “O círculo”, de Ruth Laus

The double and the otherness in “O círculo”, by Ruth Laus

Salette Rosa Pezzi dos Santos¹

Karen Gomes da Rocha²

RESUMO: O presente artigo visa abordar o tema do desdobramento do Eu no conto “O círculo”, de Ruth Laus, através da figura da personagem Paula e a busca do seu duplo. O estudo da personagem feminina, enquanto representação literária, e relacionado à duplicidade, associa-se a questões ligadas à identidade e à construção do Eu, a partir de uma cisão interna, permitindo, pois, analisar a representação do duplo, permeado por questões relativas à alteridade, especialmente no que concerne à manutenção da subjetividade na busca do Outro como extensão do Eu. O duplo, por sua vez, instaura-se como fenômeno capaz de instituir uma relação ativa com o mundo, a condição dialética da criatura, como forma de afirmação a partir da concepção de (re)conhecimento do Outro como ligação entre passado-presente-futuro na (re)construção da unidade e estabelecimento do equilíbrio. Para a personagem Paula o elemento que sinaliza a divisão da sua personalidade é o feto abortado e, então, é a partir daí que se inicia a manutenção do Eu profundo da protagonista: encontrar o que dela foi cindido.

Palavras-chave: Ruth Laus, “O círculo”, o duplo na personagem feminina

ABSTRACT: This article aims to approach the issue of deployment of the self in the short story "O círculo", by Ruth Laus, through the figure of the character Paula and the pursuit of her double. The study of the female character, while literary representation, and related to the duplicity, is associated with issues related to identity and the construction of the self, from an internal scission, allowing therefore to examine the representation of the double, permeated by issues related to otherness, especially regarding to the maintenance of subjectivity in the search of the Other as an extension of the self. The double, in turn, is established as the phenomenon able to settle an active connection with the world, the dialectic condition of the creature, as a way of affirmation from the conception of (re)cognition of the Other as a link between past-present-future in the (re)construction of the unit and establishment of the balance. For the character Paula the element that indicates the division of her personality is the aborted fetus and thenceforth begins the maintenance of the inner Self of the protagonist: find what from her was split.

Keywords: Ruth Laus, “O círculo”, the double in the female character

¹ Professor Doutor Adjunto, tempo integral, da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: srpsanto@ucs.br.

² Aluna do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: kgrocha@yahoo.com

*Eu não sou eu nem sou outro, sou qualquer coisa de intermédio,
pilar da ponte de tédio, que vai de mim para o outro.*

(Mário de Sá Carneiro)

A história da humanidade é permeada por elementos relacionados à duplicidade, a qual remete a questões inquietantes, principalmente, relativas à temática do existencial. Desse dualismo, no imaginário, a perspectiva humana encontra ressonância nas representações do desdobramento do Eu que “pensa e, ao mesmo tempo, é objeto da reflexão” (MELLO, 2000, p. 111).

Relacionado a diversas áreas do conhecimento, o duplo é questão pertinentemente revisitada e, mais especificamente, no que tange à literatura, o tema torna-se recorrente, posto que, em conformidade com Mello (2000, p.111), “diz respeito a questões muito inquietantes para o ser humano” e, portanto, tornam-se projeções artísticas de criação literária, vinculadas, também, a aspectos de dualidade da alma e vivência humanas.

Em uma perspectiva relacional, a noção do dualismo aparece na Filosofia com Platão, de acordo com Mello (2000), e, segundo o qual “todas as coisas conhecidas são o duplo de algo incognoscível ou de uma realidade ideal” (p. 111), realidade esta, mencionada por Rosset, como algo a não ser aceito sem reservas, pois a faculdade humana de aceitação

falha tão freqüentemente³ que parece razoável imaginar que ela não implica o reconhecimento de um direito imprescritível – o do real a ser percebido -, mas representa antes uma espécie de *tolerância*, condicional e provisória. Tolerância que cada um pode suspender à sua vontade, assim que as circunstâncias o exijam [...] (1998, p. 11).

Tal realidade ideal é construída a partir da ideia de tolerância daquilo que é passível de ser suportado pelo ser humano; do contrário, torna-se escapismo.

Em sua origem, o tratamento do tema do duplo, consoante Rank, é tido como uma recusa do real, e, desta forma, pode vir a assumir formas variadas. A partir dessa ideia, são enfatizadas as relações do duplo com as antigas concepções da alma imortal, referindo-se à noção de fragmentação do Eu. Rank, ao abordar mais radicalmente essa questão, procura aproximar ao máximo a representação mental do desdobramento de personalidade, com o medo ancestral da morte. (RANK apud ROSSET, 1998, p. 88).

³ No presente artigo, no que concerne às citações, foram mantidas as grafias originais.

O que é possível controlar e enfrentar, pois, é aceito; o outro real, aquele criado (ou imaginado), é cindido do Eu, coexistindo como forma de que o humano busque, então, sua unidade original. Ainda, ao mencionar a alegoria da caverna de Platão, Mello expõe que “o real imediato só ganha sentido por ser expressão de um outro *real* de que é apenas uma projeção imperfeita” (2000, p. 111), o que significaria uma forma de recusa do real, conforme considerado por Rosset (1998), em que a realidade apresenta-se de uma forma que não é possível ser suportada e, então, ao tomar formas variadas, pode, por exemplo, ser “recusada radicalmente, considerada pura e simplesmente como não-ser” (p. 12), o que aniquilaria o próprio indivíduo. Outra forma de recusa, ainda mencionada por Rosset, seria “suprimir o real com menores inconvenientes, salvando a minha vida ao preço de uma ruína mental: fórmula da loucura, muito segura também, mas que não está ao alcance de qualquer um” (1998, p. 12), o que garantiria ao ser humano a obtenção de uma proteção mais ou menos eficaz em relação ao real.

Das formas radicais supracitadas por Rosset, em relação à recusa do real, aquelas são consideradas relativamente excepcionais, e a atitude mais comum revela-se como algo bastante diferente, sendo, então, um comportamento que se adapta à percepção do real:

Se o real me incomoda e se desejo livrar-me dele, me desembaraçarei de uma maneira geralmente mais flexível, graças a um modo de recepção do olhar que se situa a meio-caminho entre a admissão e a expulsão pura e simples: que não diz sim nem não à coisa percebida, ou melhor, diz a ela ao mesmo tempo sim e não. Sim à coisa percebida, não às consequências que normalmente deveriam resultar dela. Esta outra maneira de se livrar do real assemelha-se a um raciocínio justo coroado por uma conclusão aberrante: é uma percepção justa que se revela impotente para acionar um comportamento adaptado à percepção (1998, p. 13).

E a forma mais comum de afastamento do real é chamada por Rosset de *ilusão*, a qual não confere uma recusa de percepção propriamente dita, mas o deslocamento da mesma, em que há o vínculo que une a ilusão à duplicação (1998, p. 20): um acontecimento único é cindido em dois.

Na criação literária, por sua vez, a cisão da realidade e/ou do Eu pode ser apresentada sob múltiplas formas, como argumenta Mello (2000). Ao longo da história, grande número de autores conferiu à temática da duplicidade, ou *Duplo*, um espaço bastante considerável, especialmente, entre os românticos, os quais, à expressão de sua angústia, procuraram estabelecer uma nova estética ao mundo ocidental, em que o gênero fantástico serviu como suporte para a temática do duplo: “percebe-se que o tema da duplicidade do Eu mostra uma afinidade particular com um gênero literário – o fantástico -, tendo alcançando (sic) o apogeu

no Romantismo, momento em que se consolida a exploração do tenebroso e do irracional na ficção, tendência que faz face ao paroxismo do racionalismo ocidental” (p. 117). O tema do duplo se faz presente na literatura da Antiguidade até os nossos dias. E revela-se como um artifício que assume muitas variações – espelhos, sombras, fantasmas, aparições, retratos, etc.

Ao serem considerados a atemporalidade conferida à temática da duplicidade do Eu, em que a representação do duplo ressurgiu na literatura brasileira da segunda metade do século XX – associado a questões ligadas à morte e à identidade –, os estudos realizados em narrativas mais contemporâneas, nas quais, segundo Mello “o fenômeno do duplo surge como representação de uma cisão interna” (2000, p. 121). Como base, tomar-se-ão os pressupostos teóricos formulados por Rank (1939), Flores da Cunha (1996), Rosset (1998), Mello (2000) e Assy (2007), o objeto do presente estudo baseia-se na análise da representação do duplo, permeado por questões de alteridade, no conto intitulado “O círculo”⁴, de autoria da escritora catarinense Ruth de Paula Laus^{5 6} (1920-2007).

“A ideia da duplicidade do Eu” (MELLO, 2000, p. 111) é transcendida através da duplicidade do Outro no conto intitulado “O círculo”, publicado na obra *Relações*⁷, pela editora Letras Contemporâneas, em 1994. O universo ficcional do conto diz respeito à personagem Paula e sua busca pelo ser que corresponderia ao feto abortado quando a protagonista tinha 18 anos, extensão de si e, portanto, a representação de sua cisão interna e o responsável pela manutenção de sua completude.

⁴ O referido texto encontra-se em anexo.

⁵ Outros estudos já se detiveram em relação ao duplo e encontra-se publicada a análise da representação do duplo na construção da identidade da personagem Isabela, de outro conto da escritora catarinense, intitulado “Impermanência”, na obra *Tessitura ao texto: percursos de crítica feminista*, cuja autoria é de Gerusa Bondan e Salete Rosa Pezzi dos Santos. Vide referências.

⁶ “De 1956 a 1965, Ruth dirigiu a VILLA RICA, no coração do Rio de Janeiro, à época Copacabana, Rua Barata Ribeiro, 467, onde promoveu um intenso movimento artístico-cultural nas Artes Plásticas, com incursões também no Folclore, no Artesanato e na Literatura. Com isso, incentivou muitas vocações de jovens, criando o primeiro movimento, no Rio, realmente empenhado na descoberta de novos valores. VILLA RICA foi a primeira galeria carioca com programação permanente em exposições de vanguarda. E esta era a característica mais importante da Villa Rica, estar à frente dos movimentos artísticos e apoiar manifestações pioneiras nas artes em geral. E com essa característica, registrou também a marca principal de sua criadora, ou seja, estar à frente de seu tempo, ser uma mulher pioneira que sempre visou a incentivar a cultura de nosso país”. (MUZART, s.d., p. 2).

⁷ Livro de contos, os quais se agrupam em duas partes: a primeira traz contos que trabalham o tema da solidão, sentimentos de perda e de busca, sendo a voz feminina predominante; a segunda, focalizada na alma masculina.

O OUTRO COMO EXTENSÃO DO EU

A personagem Paula, no início do conto, começa a acordar da suposta anestesia que tomara para a realização de seu aborto: “Lentamente, muito lentamente, tomava conhecimento de que vivia, mas o corpo dormente, pesado, impossibilitava movimentos” (LAUS, 1994, p. 37) e, então, sua percepção lhe diz que não estava morta, embora o quisesse.

Ao retomar a consciência, pôde vislumbrar que se encontrava, muito provavelmente, em um quarto de hospital ou clínica, cuja cor branca prevalecia e onde havia uma grade na janela; pelo “artifício de expressão da consciência que tenta, devagar e sempre, impor-se como realidade definitiva” (FLORES DA CUNHA, 1996, p. 192), a personagem vê a situação à sua maneira, e, em consonância com Rosset, na forma mais corrente de afastamento do real, ou seja, na ilusão, “a coisa não é negada: mas apenas deslocada, colocada em outro lugar” (1998, p. 14). Dessa forma, Paula sabia que não tinha mais seu bebê, contudo: “E perguntava-se: haveria alma em embrião de cinqüenta dias? Necessário descrever, mas não conseguia; a todo momento confirmavam-lhe a existência” (LAUS, 1994, p. 37-38).

A cor branca de que fala a personagem, ao lentamente acordar após a intervenção cirúrgica, como forma de aborto, exprime o clima e a atmosfera em que a personagem se encontra, assim como reflete a duplicidade, de sentido antagônico, que a cor branca pode adquirir na representação do espaço, e, então, dá-se o tom do conto, intimista, em uma ambientação que poderia lembrar, também, um hospício, posto que, pela grade, sua liberdade poderia ser privada:

Com grande esforço abriu os olhos fração de segundos e só viu branco. Em esforço dobrado conseguiu mantê-los abertos por mais tempo: quarto branco com grade na janela. A visão alertou a consciência e completou a informação revelando-lhe onde estava, acrescentando não haver nenhum motivo para festejar a descoberta. Branco ausência; não paz. (LAUS, 1994, p. 37).

Em relação ao branco, ainda, pode-se dizer que sua duplicidade está representada pela ausência, pela falta de algo que foi tirado da personagem: seu filho, isto é, como exposto por Mello (2000, p. 121), a “representação de uma cisão interna”. Mas não é, por outro lado, como tão abordado pelo Romantismo alemão o “estrangeiro íntimo que habita o homem” – o inimigo ou o adversário -, antes é, tema que na tipologia de Pélicier (apud MELLO, 2000, p. 116-117) não é abarcado, acerca dos tipos de duplo, “a perda de uma parte de si mesmo, que passa a ter vida autônoma” (MELLO, 2000, p. 117).

Através do *flashback*, Paula relembra a infância e a adolescência, em que o branco lhe representava júbilo, motivo de alegria, em oposição ao que vivenciava naquele momento, sozinha, pois Júlio a abandonara:

Então iniciou um retrospecto: a infância sem grades, com presenças e brancos em alegrias; a seguir, Júlio; alegria maior, primeiro amor, primeiro homem; o sobressalto de gravidez proibida, secreta. Logo Júlio partindo – nenhum sentido prender-se a compromissos. E agora, 18 anos, acordava só, vazia da Semente-Vida que a habitara, em um quarto branco com grade na janela. Reconheceu-se indevidamente viva sobrevivendo à Semente. Pudesse readormecer! Para sempre... (LAUS, 1994, p.37)

Júlio, após dois anos, retorna; contudo a razão de sua volta é apenas constituída de hipóteses levantadas por Paula – “Passados dois anos, Júlio voltou. Amor? Remorsos? Compartilhar o delito? Mil filhos tivessem, o primeiro irremediavelmente perdido” (LAUS, 1994, p. 38).

E a cor branca ainda ganha espaço no conto através da simbologia do matrimônio, em relação de antítese, como algo que deveria ser festejado e, contudo, remete à imagem primeira - branco ausência: “Casamento em branco (vestido, véu, grinalda e as flores do altar), oficializando o plantio. Muitas sementes, mas a fertilidade do terreno acompanhara o Embrião-Primeiro. Ali, nada mais germinou.” (LAUS, 1994, p. 38). Vislumbra-se, então, que a possibilidade de dar continuidade ao “amor” de Paula e Júlio não mais existe e, o que resta, então, é a busca da protagonista pelo seu filho em outro ser.

Portanto, as faces do duplo desdobram-se na indagação feita pela personagem principal do conto, Paula, a qual busca seu filho, feto abortado – “embrião de cinquenta dias (LAUS, 1994, p. 37-38), em outras crianças e, por conseguinte, a negação do real como forma de tolerância da realidade, posto que, em conformidade com Rosset (1998, p.11), nada é mais “frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real”, faculdade de aceitação que, frequentemente, foge ao controle da protagonista.

O duplo instaura-se como fenômeno e, “longe de ser um enfraquecimento, a divisão é o que instaura uma relação ativa com o mundo, a condição dialética da criatura: o homem dilacerado, condição da liberdade do homem” (RANK, 1939) é o fato primordial para o desenrolar da narrativa, visto que a divisão ou cisão dá-se pela constante busca daquilo que de Paula foi tirado: seu filho.

Muito embora indagações como “Quem sou eu?” e “o que serei depois da morte?”, propostas por Mello (2000, p. 111), sejam representações do “desdobramento do Eu que pensa e, ao mesmo tempo, é objeto da reflexão”, no conto, há a transposição desses questionamentos no âmbito de busca do Outro, o ser, não nascido, mas que corresponde à outra metade da mãe Paula, que seja, a faltante. Aqui se trata, pois, sob o prisma da figura materna e do vazio causado pela supressão da “Semente-Vida” (LAUS, 1994, p. 37).

COMPLETUDE

Em consonância com Otto Rank, “o passado de um indivíduo está ligado tão intimamente à sua existência, que se tornará desgraçado se tentar desligar-se dele” (1939, p. 14) e, para Paula, apesar da dor da perda de seu filho e do desejo de morte, cabia-lhe a manutenção de seu presente através da lembrança do passado. Por conseguinte, também lhe seria garantido o futuro – e o (re)encontro com seu filho:

Paula ficou, (sic) somando nos dias, meses e anos, o tamanho do bebê se houvesse nascido. Amando a todos na idade do seu. Em um deles, talvez, encontrasse sua alminha. Amor tentando abafar culpas, esvaziar angústias, aliviar aquele sangue a mais que, em interna e ininterrupta circulação, gritava-lhe que deveria estar alimentando outra vida. A pintura e persistir na busca. Um dia haveria de encontrar a nova *morada* de seu expulso bebê. Haveria! E da nova *morada*, só a matéria. A alma era dela, Paula. Direito – Antigüidade. (LAUS, 1994, p. 38).

A ligação entre passado-presente-futuro revela-se na narrativa pela necessidade de a personagem Paula encontrar a “unidade equivalente, o equilíbrio harmônico que viabilizasse um procedimento aceitável” (FLORES DA CUNHA, 1996, p. 191). O amor, então, é uma das formas de ligação que fomenta a busca da metade faltante e que, segundo Mello, ao citar Platão:

Cada ser humano seria o fruto da cisão no seio de uma união primitiva, estado de perfeição que foi perdido quando os homens ameaçaram os deuses. A divisão leva ao enfraquecimento e a uma constante busca de sua metade faltante. Daí é que se teria originado o que chamamos amor, ou seja, o “que as criaturas sentem umas pelas outras”. Esse sentimento “tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição” (2000, p. 111).

O amor, não de um homem por uma mulher, tal qual no mito do amor romântico, como deveria ter sido o das personagens Paula e Júlio - "Paula-Júlio, ponteiros marcando diferentes horas em relógios desacertados, a desentramarem-se na hora de acertar", mas

antes, e, nesse caso, o amor materno, o sentimento de perda e de incompletude de Paula, cuja duplicidade é portadora da angústia vivida pela protagonista evidencia-se pela voz narrativa:

Desejava pesadas portas que fechassem em porão impenetrável as doídas e acusadoras lembranças. Ao passado – queria – o passado. Ao porão o irrecuperável. E há? Porão impenetrável?
Paula vivia. Não pedira. Cumpria o legado. E buscava nos poetas seus cantos mais doloridos para ter com quem chorar (LAUS, 1994, p. 38).

A Júlio não restara outro fim senão: “Então, ele partiu. Para sempre.” (LAUS, 1994, p. 38), “Júlio morrera em acidente. Paula o acompanhara sem lágrimas. Havia muito não as tinha. Dele, Júlio, nascera a aridez” (idem, p. 39), o que simbolicamente representaria uma forma de punição à personagem masculina. Mas a história não termina aí; há o “fechamento do círculo”.

Com o intuito de firmar-se em sua subjetividade, Paula necessitava encontrar a sua *Outra parte*. Parte esta que, de acordo com Assy⁸ (2007), implica a concepção de (re)conhecimento do Outro,

De forma que a relação do homem com o primeiro duplo – Outro materno – é o que assegura a promessa de uma futura subjetividade; encontra em sua unidade narcísica as primeiras fraturas, fissuras de um sujeito que nada sabe sobre si; rosto materno espelho que se desmaterializa; que inaugura o homem fazendo-o entrar no tempo de sua existência. Perder essa unidade põe seu ser diante da tarefa de conquistar a consciência de si para que possa se perceber como sujeito dividido e ao mesmo tempo integrar-se. O ato de nascimento da humanidade corresponde a uma ruptura com o horizonte imediato. Jamais o homem conheceu em toda sua existência uma vida sem total perturbação.

Para Paula, por sua vez, a perspectiva apresenta-se de forma especular e é ela quem busca o Outro filial para se sentir “inteira” - através de um amor que tentasse “abafar culpas, esvaziar angústias, aliviar aquele sangue a mais que, em interna e ininterrupta circulação, gritava-lhe que deveria estar alimentando outra vida” (LAUS, 1994, p. 38). Assim, seria necessário encontrar sua parte perdida, partindo da crença de que um dia “haveria de encontrar a nova *morada* de seu expulso bebê. Haveria! E da nova *morada*, só a matéria. A alma era dela, Paula.” (LAUS, 1994, p. 38). Verifica-se, portanto, que “A constituição da identidade está inelutavelmente marcada pela interferência do outro no eu, e do eu com o

⁸ Nájla Assy é psicanalista e professora, com doutorado em Psicologia pela Sorbonne (Paris-VII) e Universidad Autonoma de Madrid. É pesquisadora do IMS (Instituto de Medicina Social) do Programa de Estudos e Pesquisas da Ação e do Sujeito PEPAS – UERJ - coordenado pelo professor Jurandir Freire Costa.

outro. Desprovida de alteridade, perde-se na evanescência a identidade do eu (...)” (FLORES DA CUNHA, 1996, p. 193), e a manutenção do Eu profundo de Paula reside em encontrar o que dela foi cindido: o seu duplo.

3 REFÚGIO E GUARIDA DA ALMA

O elemento que sinaliza a divisão da personalidade de Paula é o feto abortado. Como rememorado pela personagem, de uma “infância sem grades, com presenças e brancos em alegrias” e o antagonismo da vida triste que lhe restou desde a perda da “Semente”, no presente (LAUS, 1994, p. 37), verificam-se outros aspectos a que a protagonista apega-se como artifícios de entendimento a respeito da alma humana, posto que a sua tornou-se dependente da “alminha” que havia sido tirada dela. É, justamente, essa busca que faz com que a protagonista persista e siga vivendo, mesmo descrente das religiões, mas, por outro lado, buscando refúgio, alento e expressão do Eu cindido no trabalho e, também, na arte.

3.1 RELIGIÃO, TRABALHO E PINTURA

A noção do duplo, como exposto por Mello, no âmbito religioso, reside na concepção divina; em contrapartida, a ideia de desdobramento reflete-se a partir da cosmogênese e, como pressuposto, no nível do microcosmo, “a crença de que a alma sobrevive ao aniquilamento do corpo é o paradigma da duplicidade e um dos fundamentos das tradições religiosas de modo geral” (2000, p. 112). No conto, o preceito da crença religiosa é tido como elemento ao qual não se pode recorrer a fim de buscar compreensão para o destino da alma do filho de Paula e, consoante o pensamento da protagonista, sua crença liga-se ao fato de que a alma do feto perdura em algum outro ser humano; alma que, de acordo com a personagem, “A alma era dela, Paula” (LAUS, 1999, p.38).

Em relação à crença religiosa, por sua vez, no conto fica explicitada a visão da protagonista acerca da prática do aborto como algo particularmente aceito entre católicos e a doutrina espírita. A ela, restava acreditar naquilo que pregavam, mesmo que significasse sofrimento e angústia, características da duplicidade:

Em religiões foi inútil tentar refúgio. Dos católicos aprendera o pecado de matar; os espiritualistas ensinam como crime desalojar a alma tirando-lhe a matéria-abrigo. “Forçá-la à nova busca, nem sempre fácil, num mundo

controlador de natalidade”. Assim, muitas alminhas esperavam guarida. Por uma ela era responsável. E perguntava-se: haveria alma em embrião de cinquenta dias? Necessário descrever, mas não conseguia; a todo momento confirmavam-lhe a existência” (LAUS, 1994, p. 37-38).

Como que servisse de combustível para empreender sua busca, Paula, apesar da descrença, ainda procurava orientação espiritual: “Você sentirá, imediatamente, carinho maternal por alguém jamais visto. Ali estará sua alminha’ – jurou o “conselheiro” em reencarnação” (LAUS, 1994, p. 38) e, para tanto, empreenderia um “processo de busca de si mesmo, de sua alma profunda”, de acordo com Mello (2000, p. 121), no que diz respeito ao resgate da alma interior. Em “O círculo”, Paula, em comparação às narrativas mais contemporâneas, não “se vê como o outro ou em face de um ser com quem muito se parece” (MELLO, 2000, p. 121); ela busca um encontro com um ser – alma sua - que resgataria o seu Eu, a extensão de si.

A manutenção dos dias de Paula dá-se através do trabalho e da pintura: “escondia-se em seu trabalho e na pintura, mas em suas telas, invariavelmente, óvulos roliços, translúcidos e sadios – em rosas e beges – espatifavam-se abaixo em violáceos. Algum vermelho entremeando” (LAUS, 1994, p. 38), no qual se focaliza a simbologia óvulo/feto, num reflexo de complexo de culpa ainda não resolvido pela protagonista; tais subterfúgios foram, pois, a garantia de sua integridade individual e o provimento da sua capacidade de comunicação, de forma que Paula, desiludida e solitária – circunstâncias-limite que ameaçavam a essência social da sua condição humana – continua sua busca:

Ensinou pintura a crianças, visitou orfanatos, mas foi alertada para a dificuldade. Não era de fácil localização. “Mantenha firmeza e calma. A reconhecerá mesmo em cinquenta anos, mas, possível até no exterior”. Arte como pretexto, conviveu em comunidades negras, reservas indígenas e, no exterior, viajou tentando o escape ao desespero. Quem sabe um milagre? Nada. Só a aprendizagem: controlar a desesperança. Manter-se tranqüila. Pelo menos aparentemente. (LAUS, 1994, p. 38-39).

Assim, Paula permanece na ilusão e ignora a consequência, como preconiza Rosset (1998), posto que vive uma situação paradoxal, de ser ela mesma e outro, ao mesmo tempo. Da mesma maneira, Assy (2007) expõe que

O homem possui a necessidade de construir uma imagem na qual reconheça a si mesmo; delinear sua essência representa deparar-se com sua natureza dissolvente, seu caráter paradoxal. Representa também penetrar no lugar de origem dos baixos impulsos espontâneos e alheios à razão – cheios de

ambigüidade traiçoeira. Mas o fascínio reside exatamente nisso: imergir na compreensão do mistério.

E à compreensão do mistério, Paula, por ter a manutenção de sua existência condicionada ao feto, vivenciará uma experiência que permitirá sair de sua prisão, a qual é esta procura incansável do Eu no Outro.

4 LUIZ (ES): FONTES E ANTÔNIO – OS DUPLOS

O desfecho dá-se quando “o acordar com grades completara 30 anos” e, Paula, então com 48 anos, fora convidada por sua amiga Carla, pintora, para uma reunião de artistas em seu ateliê. Lá, “Paula sentiu-se perturbada logo ao entrar. Júlio! Inesperada lembrança. Inexplicável presença. Por que agora e ali, Júlio?” (LAUS, 1994, p. 39). A duplicação, técnica geral da ilusão, segundo Rosset (1998, p. 20), é “transformar uma coisa em duas, exatamente como a técnica do ilusionista, que conta com o mesmo efeito de deslocamento e de duplicação da parte do espectador: enquanto se ocupa com a coisa, dirige o seu olhar *para outro lugar*, para lá onde nada acontece”, o desdobramento, então, é inevitável, pois a amiga de Paula apresenta-lhe dois amigos: “- Você conhece Luiz Fontes? E este é o outro Luiz. Luiz Antônio” (LAUS, 1994, p. 39), o que lhe causa confusão. Ocupa-se com a presença dos dois, enquanto se lembra de Júlio: “Música em surdina, muitas vozes e a estranha presença de Júlio” (LAUS, 1994, p. 39).

Neste contexto, apresenta-se a “sensação indefinida e incômoda, que permeia a ambivalência das suas emoções” (FLORES DA CUNHA, 1996, p. 190), as de Paula, em um momento no qual a perplexidade e confusão se fazem presentes.

A particular atitude de Luiz Fontes, agressiva, quando apresentado a Paula, constitui-se em confrontação e, em um primeiro momento, a personagem imagina que seria seu filho, pois motivos teria para tal comportamento; contudo, invoca Júlio e percebe que a conexão com Luiz Antônio é de cunho maternal:

- Conheço sua pintura. Você é uma estraçalhadora de embriões. Assassina! – Luiz Fontes a desafiava. Paula, fragilizada, desviou os olhos e encontrou os do “outro Luiz”. Estranho! Uma ponte, uma conexão, por ali estaria seu filho? Júlio – rezou – se você realmente sabe, qual deles é o *nosso* menino? Luiz Fontes a julgava e acusava. Fosse ele tinha toda a razão para aquele cruel “assassina”. Mas e o “imediato carinho maternal?” Achevou-se mais ao “outro Luiz”, suave, atento às suas palavras. Deus! (LAUS, 1994, p. 39).

Instaura-se, a partir daí, a solução do drama da existência humana como resultado da consciência da alteridade (FLORES DA CUNHA, 1996, p. 196), da mesma forma como preconiza Mello acerca da alteridade, revelada em diferentes situações, quando o “Eu descobre faces inusitadas de si mesmo”. (2000, p. 123).

Contudo, a protagonista, precisando de confirmação acerca da existência de seu filho e de qual dos dois o seria (Luiz Fontes ou Luiz Antônio), então: “Exaurida foi ao banheiro. Molhou os pulsos, a nuca. Aquele redemoinho permitiria “carinho maternal”? (LAUS, 1994, p. 39). A fuga do real, neste momento, é demonstrado pelo “afastamento provisório no caso do *recalcamento* descrito por Freud”, conforme cita Rosset, em que “subsistem vestígios do real em meu inconsciente” (1998, p. 12), ou seja, Paula conscientemente sabe que Júlio está morto, assim como seu filho, porém, ela busca a ambos nos dois “Luízes”.

Não existem relações de espelho ou de sombra; a dualidade, no conto, é fortalecida pela conexão sentimental, através do carinho maternal, da conexão entre as duas almas – a de Paula e a de seu filho, como sendo uma extensão da outra. Não há sonhos, senão o de Paula encontrar o seu Eu:

Na sala, Júlio menos presente. Mais presente o “outro Luiz”. Sempre mais presente. Leve ternura iniciava-se nela. Afinal, tanto tempo se passara, tanto controle aprendido, talvez impossível à ternura jorrar “imediatamente” como o previsto.

E... Júlio sumira. Luiz presente... (idade e signo conferiam).

Fim de festa, Paula, fora de seus hábitos, impulsivamente, pediu carona ao “outro Luiz” e juntos, no carro, segurou a emoção falando, amontoando palavras. Nenhum espaço entre elas. Surpreendeu-se a si mesma:

- Você me leva ao teatro sábado?

- Se for possível levo. Telefone.

- Se não for possível, convidarei um de meus velhos amigos.

- Acontece que eu já sou um velho amigo.

Palavras cordiais repetidas por muitos, que sentido conseguem alcançar em horas especiais...

- Você acredita em reencarnação?

- Acredito.

A chegada interrompeu o assunto, mas ao despedirem-se, Paula confiava. Agora só construir encontros. Nenhuma certeza, nenhuma base científica, confirmação jamais, entretanto alguém a libertara da procura. Quem sabe poderia, até, fazê-la um pouquinho feliz? (LAUS, 1994, p. 39-40).

A partir dessa vivência de Paula e Luiz Antônio, a conexão é estabelecida e ambos reconhecem-se, estimam-se. A partir das colocações de Anne Richter (apud MELLO, 2000, p. 118), tal idealismo de cunho romântico, como apresentado no trecho supracitado, pode resumir a convicção de que “a verdadeira vida está em outro lugar, fora daqui; o mundo é

duplo, na realidade cotidiana, e dele nós só vemos a aparência” que, de qualquer forma, é subvertido no conto analisado, pois a essência, a alma, foram elementos de “fusão” do Eu cindido.

Para o fechamento do conto, Paula encontra-se sozinha em seu apartamento, logo após ser deixada em casa por Luiz Antônio, e a sua percepção a respeito do mundo a sua volta começa a mudar; ela mesma muda, encontra-se, revela-se e redescobre um mundo que não vislumbrara anteriormente. Enfim, estava livre; e Júlio encerra, pois, o que havia começado:

Deixou o elevador, entrou na sala e, luar! Nunca se dera conta. O luar atravessando os janelões em luminoso acariciar os móveis, revelar objetos esquecidos na impiedade do tempo, ali, renascendo do alheamento dela; pisados pela idade, mas presentes a escapulirem do que fora, sempre, e apenas, uma moldura da solidão.

Não acendeu as luzes e, na cadeira junto à janela com visão direta para a lua, somou lembranças até encontrar Júlio fechando o círculo por ele iniciado trinta anos atrás. E a aridez de seus olhos sentiu abertas as comportas. Lágrimas! Ainda podia chorar.

Madrugada, insone, buscou Cecília Meireles:

“*Eu canto porque o instante existe
E minha vida está completa.*” (LAUS, 1994, p. 40)

Assim, o círculo se fecha no conto. Paula encontra o seu Eu através do Outro, em uma relação de duplo que também se duplica: Paula/Feto (filho) e Luiz Antônio/ Paula, enquanto a outra duplicação presente é a de Júlio/Luiz Fontes, os quais proporcionaram à protagonista o princípio e o fim de sua prisão.

REFERÊNCIAS

ASSY, Nájla. *O duplo na literatura: reflexão psicanalítica*. Disponível em: <<http://cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=2931>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

BONDAN, Geresa; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos. A representação do duplo na construção da identidade de Isabela: um copo, uma ode à solidão. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos (Org.). *Da tessitura ao texto: percursos de crítica feminista*. Caxias do Sul: Educs, 2012, p. 119-134.

DAMASCENO, J. E. Os duplos em Dostoiévski e Saramago. 2010. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração: Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, 2010. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/JoaoEmeri.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

FLORES DA CUNHA, Patrícia Lessa. Confluência e alteridade: a questão do duplo como tema nos contos de Poe e Machado. In: BITTENCOURT, G. N. (Org.). *Literatura comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra, DC Luzzatto, 1996, p. 185-197.

LAUS, Ruth. O círculo. In: _____. *Relações*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994. p. 37-40.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKI, F.; CAMPOS, M. do C. (Org.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p.111-123.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Livreto Ruth Laus*. UFSC. Disponível em: <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/12950236/conheci-ruth-laus-ha-alguns-anos-por-intermedio-de-seu-irmao-o->>. Acesso em: 12 maio 2013.

RANK, Otto. *O duplo*. Trad. de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: [s.n.], 1939.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Ensaio sobre a ilusão. Porto Alegre: L&PM, 1998.

ANEXO

O círculo

Ruth Laus

Lenta, muito lentamente, tomava conhecimento de que vivia, mas o corpo dormente, pesado, impossibilitava movimentos. Estaria onde? Com grande esforço abriu os olhos fração de segundos e só viu branco. Em esforço redobrado conseguiu mantê-los abertos por mais tempo: quarto branco com grade na janela. A visão alertou a consciência e completou a informação revelando-lhe onde estava, acrescentando não haver nenhum motivo para festejar a descoberta. Branco ausência; não paz.

Então iniciou um retrospecto: a infância sem grades, com presenças e brancos em alegrias; a seguir, Júlio; alegria maior, primeiro amor, primeiro homem; o sobressalto de gravidez proibida, secreta. Logo Júlio partindo – nenhum sentido prender-se a compromissos. E agora, 18 anos, acordava só, vazia da Semente-Vida que a habitara, em um quarto branco com grade na janela. Reconheceu-se indevidamente viva sobrevivendo à Semente. Pudesse readormecer! Para sempre...

Em religiões foi inútil tentar refúgio. Dos católicos aprendera o pecado de matar; os espiritualistas ensinaram como crime desalojar a alma tirando-lhe a matéria-abrigo. “Forçá-la à nova busca, nem sempre fácil, num mundo controlador da natalidade”. Assim, muitas alminhas esperavam guarida. Por uma ela era responsável. E perguntava-se: haveria alma em embrião de cinquenta dias? Necessário descrever, mas não conseguia; a todo momento confirmavam-lhe a existência.

Escondia-se em seu trabalho e na pintura, mas em suas telas, invariavelmente, óvulos roliços, translúcidos e sadios – em rosas e beges – espatifavam-se abaixo em violáceos. Algum vermelho entremeando.

Desejava pesadas portas que fechassem em porão impenetrável as doídas e acusadoras lembranças. Ao passado – queria – o passado. Ao porão o irrecuperável. E há? Porão impenetrável?

Paula vivia. Não pedira. Cumpria o legado. E buscava nos poetas seus cantos mais doloridos para ter com quem chorar.

Passados dois anos, Júlio voltou. Amor? Remorsos? Compartilhar o delito? Mil filhos tivessem, o primeiro irremediavelmente perdido.

Casamento em branco (vestido, véu, grinalda e as flores do altar), oficializando o plantio. Muitas sementes, mas a fertilidade do terreno acompanhara o Embrião-Primeiro. Ali, nada mais germinou.

Paula-Júlio, ponteiros marcando diferentes horas em relógios desacertados, a desencontrarem-se na hora de acertar. Então ele partiu. Para sempre. Paula ficou, somando nos dias, meses e anos, o tamanho do bebê se houvesse nascido. Amando a todos na idade do seu. Em um deles, talvez, encontrasse sua alminha. Amor tentando abafar culpas, esvaziar angústias, aliviar aquele sangue a mais que, em interna e ininterrupta circulação, gritava-lhe que deveria estar alimentando outra vida. A pintura e persistir na busca. Um dia haveria de encontrar a nova morada de seu expulso bebê. Haveria! E da nova morada, só a matéria. A alma era dela, Paula. Direito – Antigüidade. “Você sentirá, imediatamente, carinho maternal por alguém jamais visto. Ali estará sua alminha” – jurou o “conselheiro” em reencarnação. Ensinou pintura a crianças, visitou orfanatos, mas foi alertada para a dificuldade. Não era de fácil localização. “Mantenha firmeza e calma. A reconhecerá mesmo em cinquenta anos, mas, possível até no exterior”. Arte como pretexto, conviveu em comunidades negras, reservas indígenas e, no exterior, viajou, viajou tentando o escape ao desespero. Quem sabe um

milagre? Nada. Sá a aprendizagem: controlar a desesperança. Manter-se tranquila. Pelo menos aparentemente.

Júlio morreria em acidente. Paula o acompanhara sem lágrimas. Havia muito não as tinha. Dele, Júlio, nascera a aridez. E o acordar com grades completara 30 anos.

Carla, amiga pintora, reuniu artistas em seu agradável ateliê, Paula sentiu-se perturbada logo ao entrar. Júlio! Inesperada lembrança. Inexplicável presença. Por que agora e ali, Júlio?

Carla chega-se com amigos:

- Você conhece Luiz Fontes? E este é outro Luiz. Luiz Antônio.

Música em surdina, muitas vozes e a estranha presença de Júlio.

- Conheço sua pintura. Você é uma estraçalhadora de embriões. Assassina! – Luiz Fontes a desafiava. Paula, fragilizada, desviou os olhos e encontrou os do “outro Luiz”. Estranho! Uma ponte, uma conexão, por ali estaria seu filho? Júlio – rezou – se você realmente sabe, qual deles é o *nosso* menino? Luiz Fontes a julgava e acusava. Fosse ele tinha toda a razão para aquele cruel “assassina”. Mas, e o “imediate carinho maternal?” Achevou-se mais ao “outro Luiz”, suave, atento às suas palavras. Deus!

Exaurida foi ao banheiro. Molhou os pulsos, a nuca. Aquele redemoinho permitiria “carinho maternal”?

Na sala, Júlio menos presente. Mais presente o “outro Luiz”. Sempre mais presente. Leve ternura iniciava-se nela. Afinal, tanto tempo se passara, tanto controle aprendido, talvez impossível à ternura jorrar “imediatamente” como o previsto.

E... Júlio sumira. Luiz presente... (idade e signo conferiam).

Fim de festa, Paula, fora de seus hábitos, impulsivamente, pediu carona ao “outro Luiz” e juntos, no carro, segurou a emoção falando, amontoando palavras. Nenhum espaço entre elas. Surpreendeu-se a si mesma:

- Você me leva ao teatro sábado?

- Se for possível levo. Telefone.

- Se não for possível, convidarei um de meus velhos amigos.

- Acontece que eu já sou um velho amigo.

Palavras cordiais repetidas por muitos, que sentido conseguem alcançar em horas especiais...

- Você acredita em reencarnação?

- Acredito.

A chegada interrompeu o assunto, mas ao despedirem-se, Paula confiava. Agora ó construir encontros. Nenhuma certeza, nenhuma base científica, confirmação jamais, entretanto alguém a libertara da procura. Quem sabe poderia, até, fazê-la um pouquinho feliz?

Deixou o elevador, entrou na sala e, luar! Nunca se dera conta. O luar atravessando os janelões em luminoso acariciar os móveis, revelar objetos esquecidos na impiedade do tempo, ali, renascendo do alheamento dela; pisados pela idade, mas presentes a escapulirem do que fora, sempre, e apenas, uma moldura da solidão.

Não acendeu as luzes e, na cadeira junto à janela com visão direta para a lua, somou lembranças até encontrar Júlio fechando o círculo por ele iniciado trinta anos atrás. E a aridez de seus olhos sentiu abertas as comportas. Lágrimas! Ainda podia chorar.

Madrugada, insone, buscou Cecília Meireles:

*“Eu canto porque o instante existe
E minha vida está completa.”*

Data de recebimento: 09/06/2014

Data de aprovação: 23/11/2014